

SUJEITOS E CÂNONE: UM EMBATE SÓCIO- HISTÓRICO-LITERÁRIO?

Roselene de Fátima COITO**

Pensando no sujeito não só como suporte de efeito de sentido, tal qual o toma a Análise do Discurso derivada de Michel Pêcheux, mas como aquele que assume funções sociais com relação à leitura literária, no nosso caso de Literatura Infantil, estamos nos propondo a uma discussão da ausência, ou melhor, da pouca veiculação de informações sobre textos infantis produzidos por Clarice Lispector.

Clarice Lispector tida como uma escritora hermética, como ela mesma diz numa entrevista concedida à TV Cultura - meses antes de sua morte - e reproduzida pela revista *BRAVO* por ocasião do aniversário de sua morte, ao perguntarem se se considerava uma escritora popular, responde: *Não. Chamam-me até de hermética, como é que posso ser popular, sendo hermética?* (1997, p. 72), produziu cinco textos infantis que são: *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1969), *A vida íntima de Laura* (1973), *Quase de Verdade* (obra póstuma - 1978) e *Como nasceram as estrelas - doze lendas brasileiras* (obra póstuma - 1987), todos reeditados pela Editora Rocco.

Parece estranho ser tida como hermética quando temos essa mesma escritora produzindo textos infantis. Já que nessa mesma entrevista diz que *quando me comunico com criança é mais fácil porque sou muito maternal*.

* Texto apresentado no 13º. COLE.

** Doutora pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/CAR). Integrante do *Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara* (GEADA).

Quando me comunico com o adulto, na verdade, estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma, aí é difícil.

No entanto, essas palavras podem soar, para um leitor desavisado, que sua produção infantil tem um cunho pedagógico-moralista como a maioria dos livros direcionados ao público mirim, o que na verdade, não acontece. Embora sua inserção no universo da literatura infantil se deveu a um *pedido-ordem* de seu filho Paulo, conforme Gotlib (1995, p. 286), seus textos infantis são tão complexos quanto os textos direcionados aos adultos. Complexos, não herméticos como querem alguns leitores especializados.

Clarice mantém a unidade e a regularidade de seu discurso, leva a criança à reflexão, instiga o universo da magia e da realidade, fazendo de seu leitor mirim um ser questionador, não diferente do que faz com seu leitor adulto. Além disso, em seus textos produzidos para o público infantil, não há dicotomia entre bem e mal, já que o bem e o mal estão em todos e em tudo e as cenas enunciativas e a linguagem que a escritora utiliza criam esse efeito de sentido de estar acima do bem e do mal.

Num dos poucos comentários da crítica especializada sobre dois dos textos infantis escritos por Clarice, encontramos na revista *CULT* (1997, p. 49) um comentário de Gilberto Figueiredo Martins que diz:

Reflexões sobre o mal, a culpa, o crime e o castigo espalham-se por suas crônicas. Até mesmo nos livros infantis: ora personifica seu cão Ulisses, atribuindo-lhe o posto de narrador da estória, para tratar de direitos e discutir as idéias de sacrifício e perdão; ora questiona o sentimento de gostar, que não impede a tentação de devorar e destruir; ou, ainda, antecipando o narrador Rodrigo, expõe-se em primeira pessoa para confessar a culpa pelo assassinato de peixes e para pedir perdão a seus leitores... Em contrapartida, matará com astúcia de

feiticeira, muitas baratas em multiplicadas estórias".
[Grifo meu].

Como podemos notar, além da expressão *até mesmo nos livros infantis*, a qual denota um certo preconceito com esse gênero - tão polêmico, o articulista não situa o leitor - que pode não conhecer todos os textos de Clarice ao deixar de citar o nome dos livros *Quase de Verdade* (1978 - obra póstuma) e *A mulher que matou os peixes* (1969) Também parece se contradizer com relação à relevância da Literatura Infantil produzida por Clarice Lispector, ao citar e traçar um paralelo com o personagem Rodrigo do texto *A hora da estrela* (1997) e ao insinuar o livro *A Paixão segundo GH* e o conto *A quinta história*, escritos para um público adulto.

Por prescindir de uma olhar mais atento sobre os textos infantis de Clarice, parece que esses leitores especializados apresentam a mesma atitude que a crítica que desacreditou em seu primeiro romance intitulado *Perto do Coração Selvagem*, pois se pensarmos no cânone como um conjunto de leitores especializados - com direito à voz na sociedade - que sacralizam o literário, vemos que Clarice subverte até mesmo o que se tem como cânone de uma época, mais especificamente dos anos 40 e 50, conforme podemos ver nos relatos abaixo.

Na Revista *Bravo* (1997, p. 76-77) temos no relato de Carlos Heitor Cony:

(...) Durante anos, seus livros ficaram amontoados nos sebos da cidade.(...).

Não foi a crítica que descobriu Clarice Lispector. Foram os leitores, principalmente leitoras, ao atingirem o nível universitário. De repente sua obra começou a ser lida e discutida, era a preferida para teses de mestrado. Vieram em cascata as traduções e os estudos críticos, publicam-se, no Brasil e no exterior, os primeiros ensaios acadêmicos. (...). Nascia um fenômeno que vinha de baixo

para cima, que subia do leitor para a crítica, do limbo para o Olimpo editorial.

E na Revista *CULT* (1997, p. 57), no relato de Gilberto Figueiredo Martins:

Três críticos em especial detiveram-se na leitura do romance [Perto do coração Selvagem]; lidos hoje, seus ensaios documentam e registram exemplarmente um inevitável desnorteamento de pressupostos críticos, atestando uma dificuldade insistente que se fixaria por algum tempo na recepção crítica dos textos da autora.

E, depois de citar alguns críticos (Antônio Cândido, Sérgio Milliet, Álvaro Lins e Roberto Schwartz) e suas posições diante do texto inaugural de Clarice Lispector, menciona na página 58:

Mas é principalmente a partir da primeira metade da década de 60, já publicados livros de contos e outros dois romances (O lustre e A cidade sitiada), que se consolidará o interesse dos críticos pela obra de Clarice Lispector.

Será mesmo que a obra de Clarice se consolidou?

Pensando na questão das unidades do discurso proposta por Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (1986), questão na qual esse filósofo diferencia livro de obra, tomando o livro como um *feixe de relações*, um *nó numa rede*, que só se constrói a partir de um *campo complexo de discursos* (p.26) e obra como *opus* - determinada em sua unidade, mas que se considerada como algo imediato, certo, homogêneo, perde-se a capacidade de perceber os discursos - *no jogo de sua instância* - que circulam numa sociedade e mais ainda, de construir enunciados diferentes dos enunciados das vozes autorizadas

pela sociedade, vozes essas que chamamos de cânone, vemos que ainda hoje a obra de Clarice não se consolidou.

Segundo Harold Bloom, ensaísta norte-americano:

o Cânone, palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais (1995, p. 27-28).

No entanto, temos dois entraves quanto à essa colocação de Bloom. Primeiro porque ele se diz sozinho defendendo hoje o estético e que *é um sinal de degeneração do estudo literário o fato de alguém ser considerado excêntrico por afirmar que o literário não depende do filosófico, e que o estético é irredutível à ideologia ou metafísica*; segundo, porque Shakespeare é, para ele o cânone ocidental, já que em uma das passagens, foi Shakespeare mais importante do que Freud, Marx, etc.

Podemos concordar com Bloom quando pensamos o cânone como escolhas feitas por *grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica*, mas não como ele o faz: o cânone ocidental se resumir basicamente em um escritor, Shakespeare, e unicamente no elemento estético. Afirmar que só o estético é relevante no literário é, acima de tudo, um posicionamento ideológico-literário exacerbado, além disso é desprezar a contribuição de outras ciências na ciência literária, é negar a construção histórica do saber, a história literária e "as irrupções" que fazem parte dessa história não tão linear quanto querem nos fazer crer algumas correntes.

Chartier (1998, p. 21), citando Lawrence W. Levine, "desmonta" essa sacralização desse "cânone ocidental" preconizada por Blomm, como podemos notar abaixo:

Recentemente, Lawrence W. Levine fez uma bela demonstração disso. Analisando a forma como eram encenadas as peças de Shakespeare na América do século XIX (isto é, misturadas a outros gêneros: o melodrama, a farsa, o circo, a dança, etc.), ele revelou como esse tipo de representação criou um público numeroso, "popular", que não estava reduzido à elite letrada e que era participante ativo do espetáculo, através de reações e emoções. No final do século, a estrita partilha estabelecida entre os gêneros, os estilos e os lugares dividiu esse público 'universal', reservando para uns o Shakespeare 'legítimo', e destinando aos outros um divertimento popular. Na constituição dessa bifurcated culture, as transformações na apresentação das peças de Shakespeare (mas também da música sinfônica, da ópera, das obras de arte) tiveram um papel decisivo, fazendo suceder a um tempo de mistura e de partilha, um outro no qual o processo de distinção social produzia a separação cultural.

Como vimos, foi no processo histórico e literário que os contatos com o texto de Shakespeare se modificaram, tornando-o um escritor das elites letradas. Fazendo um paralelo com o processo histórico e literário da literatura destinada à criança, temos ainda mais um complicador: o processo histórico construindo imagens diferenciadas de criança e de infância tratado por Philippe Ariès em *História social da criança e da família* (1981) - que no momento pretendemos apenas pontuar um aspecto: o surgimento do que hoje concebemos como infância e criança.

Parafraseando Ariès, só no século XIX a infância, principalmente na Europa, passa a ter uma importância social, já que as diversas áreas das ciências voltam-se para os infantes. Nesse momento também, o Estado assume, paulatinamente, o projeto educacional formal e coletivo devido à emergência do momento: o capitalismo. As escolas, então, abrem-se para as crianças de todas as classes sociais e

ênfatiza-se a importância da leitura. Logo, há a preocupação com a produção de livros para atender a essa nova demanda. Contudo, como lidar com o objeto livro e como desenvolver as práticas de leitura?

Chartier no capítulo "comunidade de leitores", propõe três deslocamentos para analisar os processos históricos do livro e da leitura, a saber: a análise dos textos, a história do livro e as práticas de leitura, alertando-nos: *Reconstruir em suas dimensões históricas esse processo de 'atualização' de textos exige, inicialmente, considerar que as suas significações são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores (e editores)* (1998, p. 12).

Se pensarmos que a recepção inicial dos textos de Clarice, escritos para adultos, sempre apresentaram entraves, conforme vimos nas citações acima, ora por ser considerada, por alguns como hermética e, por outros, como assombrosamente inovadora, vemos que os leitores eleitos que pretendem canonizá-la seguem o caminho daqueles que ainda crêem ser a criança um ser apático, talvez porque ainda não haja por parte dos eleitos o que Paul Hazard observa quando discute *les livres, les enfants et les hommes* (1967). Diz ele: *On croit entendre des voix mal alternées; les enfants et les hommes se parlent et ne se comprennent pas* (p. 14); e, mais adiante:

Les livres qui ne les traitent pas d'égal à égal et qui les appellent 'chers petites lecteurs'; les livres qui ne répondent à leur être propre, qui ne frappent pas leur esprit par la vivacité du tour, les livres qui ne leur enseignent que ce qu'ils peuvent apprendre à l'école, les livres qui le font dormir, non point rêver, ils les récusent" (p. 66).

Este texto publicado em 1967, na França, demonstra a preocupação com a literatura e a leitura que são produzidos

para o público infantil daquele país, fato este que parece não ser tão relevante nessa nossa sociedade discursiva: a academia, os críticos de literatura, os editores. Muito embora sejam lançados programas de leitura, até mesmo envolvendo a mídia, onde está o "verdadeiro leitor"? No terceiro grau? Que práticas de leitura efetivamente se têm em nossa sociedade discursiva? Será que novamente os textos de Clarice deverão sair do limbo para chegar ao Olimpo?

Se levarmos em conta que *a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; que ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros* e que *um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado*, concordando com Chartier (1998, p. 16 e p. 11 respectivamente), os textos infantis de Clarice ainda estão, por imposição daqueles que se constituem como *a voz autorizada*, fora do cânone. Para exemplificarmos essa afirmativa citaremos alguns exemplos de como o cânone precisa rever sua posição sobre este embate sócio-histórico-literário.

Pensando na produção crítica de leitores de Clarice Lispector dirigida ao terceiro grau, temos alguns exemplos ilustrativos de como se dá a "inclusão" e a exclusão de sua produção, principalmente a infantil, nos livros que formam o cânone literário brasileiro.

O livro de Alfredo Bosi, *História concisa da Literatura Brasileira*, 3.ed., São Paulo: Cultrix, 1997, p. 478 - 481, aponta alguns elementos sobre a produção - escrita para adultos - de Clarice e um pouco sobre sua vida. Sobre a produção infantil: nenhum comentário.

No livro de Antonio Cândido e J. Aderaldo Castello, *Presença da Literatura Brasileira*, 9. ed., São Paulo: DIFEL, 1983. Nenhum comentário sobre Clarice, embora haja depoimentos (críticos) e um ensaio de Antônio Cândido específico sobre Clarice Lispector.

Na Revista do Departamento de Teoria Literária, *Remate de Males*, nº 09, Unicamp: Campinas, 1989. Nenhum comentário sobre a produção infantil dessa escritora.

No livro de Nádia Battella Gotlib, *Clarice- uma vida que se conta*, São Paulo: editora Ática, 1995. Há citações de todos os textos infantis de Clarice, mas em sua maioria para contar uma passagem da vida de Clarice. Por exemplo, das páginas 285 - 289 há um breve comentário sobre o livro *O mistério do coelho pensante*. O título dessa parte vem como: *Nos Estados Unidos - Em Washington: a mãe-escritora*. Gotlib discorre sobre fatos reais ocorridos na vida de Clarice e diz: *Pode-se afirmar, pois, que foi como mãe que Clarice Lispector ingressou na literatura infantil. E como mãe-escritora solicitada pelo filho. Teria sido uma forma de ele, assim, lhe chamar a atenção, quem sabe? "* (p.287).

Em páginas subseqüentes aponta os outros textos infantis. Da página 383 - 389 comenta sobre *A mulher que matou os peixes*, e também mistura situações daquele momento da vida de Clarice; das páginas 401 - 402, faz uma leitura breve de *A vida íntima de Laura* e fecha o comentário com uma passagem da vida de Clarice; e, finalmente das páginas 445-446, cita rapidamente *Como nasceram as estrelas - doze lendas brasileiras* e *Quase de Verdade* - (obras póstumas).

Muito embora seja esse um dos únicos livros que comentem a produção infantil de Clarice Lispector e também por considerá-lo como um livro bússola para quem está se iniciando na leitura sobre a crítica da literatura clariciana, parece que aliar o ingresso de Clarice na literatura infantil à situação de mãe diminui o valor de sua produção para crianças, como se toda e qualquer criança não tivesse o direito ao livro infantil que a trate, como diz Paul Hazard, "de igual para igual" e como se aquela criança que não

tivesse uma mãe-escritora não merecesse ter um livro produzido para ela e nem que merecesse ler.

Já nos livros didáticos dirigidos a leitores do ensino médio temos alguns exemplos, também ilustrativos, sobre essa "incursão literária" sobre a produção de Clarice Lispector:

O livro do Professor Maia, *Curso prático de REDAÇÃO, Língua e Literatura*, São Paulo: Editora Ática-Maltense, 1989, p. 224- 226, há um breve histórico da vida de Clarice, a citação de suas obras, para adultos e para crianças, algumas características da obra - tomada como um todo, mas apenas comentada parcialmente, e com uma proposta de exercício pouco significativa diante de seus textos. Além disso, não consta na citação de suas obras o texto que fora publicado em 1987, *Como nasceram as estrelas - doze lendas brasileiras*.

O livro de Ernani & Nicola, *Curso Prático de Língua, Literatura & Redação 3*, da editora de São Paulo: Scipione, 1994, temos nas páginas 206, 207 e 208, um breve histórico de sua vida, apenas uma proposta de leitura de um texto de Clarice. Não há nenhuma citação da produção literária de Clarice Lispector.

No livro de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, *Português: Linguagens - Literatura, Gramática e Redação 3*, da editora Atual de São Paulo, 1994, temos uma abordagem mais completa sobre a escritura clariciana; temos o conto "Amor" como proposta de leitura. No entanto, na citação de suas obras há um pequeno deslize, pois ao se referir aos textos infantis de Clarice deixa de citar do livro *Como nasceram as estrelas - doze lendas brasileiras*. Além disso, na citação de sua produção infantil, deixa seu leitor sem uma certeza dos textos infantis publicados, pois utilizam a palavra *outros* para designar que existem mais textos sem, contudo, mencioná-los.

Sabemos ser todas essas citações importantes para informar e localizar os leitores - professores, alunos ou outro tipo de leitor de literatura - sobre a produção de Clarice Lispector, até mesmo para se poder ter uma prática de leitura comparativa e de efetiva reflexão do e sobre o literário, o que parece não haver na prática.

Cremos ser necessário repensar esse posicionamento das *vozes autorizadas*, pois não podemos concordar que leitor é somente aquele que se encontra no terceiro grau, os "Commun readers" discutido por Frank Kermode em *Um apetite pela Poesia* (1989) e nem que se encontram só a partir do ensino médio, ainda mais por ocasião do vestibular, mas sim aquele que cresce podendo ter o contato - nas práticas efetivas de leitura - com a literatura.

Não podemos admitir que haja *governos totalitários e/ou absolutistas* - sejam eles políticos, sociais ou acadêmicos, no que se refere também à leitura literária, que olham para o leitor ora como um ser apático ora como perigoso, parafraseando Alberto Manguel numa conversa com Jorge Luís Borges (1999, p. 35).

Parece que devemos sempre olhar com um "olhar desconfiado" para aqueles que se apresentam como representantes da sociedade, também discursiva, pois como a própria Clarice observou:

A crítica, quase sempre, confunde as coisas e acaba interpretando ao contrário o que, na verdade, quero dizer. Por esta razão, nunca me interessei pela opinião dos críticos a meu respeito, por julgar que nem sempre ela é tão objetiva como deveria ser.

Um exemplo que sempre me utilizo para justificar minha posição em relação ao assunto, é o da crítica ao meu primeiro livro publicado: Perto do Coração Selvagem, lançado em 1944, quando eu contava dezessete anos. Na época o livro foi classificado como hermético e incompreensível, e anos mais tarde, tornou-se um dos

mais vendidos. Isto me intrigou profundamente, tanto que um dia resolvi perguntar a um amigo: O que está acontecendo? O livro continua o mesmo. E meu amigo então respondeu: É que as pessoas se tornaram mais inteligentes, de uns anos para cá (1995, p. 435).

Então, pensando nessas "vozes autorizadas" da sociedade, que ainda excluem a produção infantil de Clarice Lispector, devolvo a pergunta para esse amigo da escritora: será?

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. Ed., Rio de Janeiro, LTC Editora S.A, 1981.
- BLOOM, H. *O Cânone Ocidental - Os Livros e a escola do Tempo*. 3. Ed., Trad. Marcos Santarrita, Rio de Janeiro, Editora Objetiva LTDA, 1995.
- BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. Ed., 18. Tiragem, São Paulo, Cultrix, 1997.
- CANDIDO, A. & CASTELLO, J. ADERALDO. *Presença da Literatura Brasileira - MODERNISMO*. 9. Ed., São Paulo, DIFEL, 1983.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros - Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. Ed., Trad. Mary Del Priore, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 2. Ed., trad. Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.
- GOTLIB, N.B. *Clarice - Uma vida que se conta*. 4. Ed, São Paulo, Editora Ática, 1995.
- HAZARD, P. *Les livres, les enfants et les hommes*. Hatier, Paris, 1967.

- KERMODE, F. *Um apetite pela poesia*. Trad. Sebastião Uchôa Leite, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993. (Criação & Crítica; 7).
- MAIA, J.D. *Curso prático de REDAÇÃO, Língua e Literatura*. São Paulo, Editora Ática S.A, 1989.
- MANGUEL, A. *Uma História da Leitura*. 3. Reimpressão, trad. Pedro Maia Soares, São Paulo, Companhia da letras, 1997.
- Revista Bravo - *Viva Clarice* - por André Luiz Barros -, São Paulo, 1997.
- Revista Brasileira de Literatura - CULT - nº 5 - Dossiê - *Clarice Lispector - Há vinte anos morria a maior escritora brasileira*, São Paulo, dezembro de 1997.
- Revista do Departamento de Teoria Literária - *REMATE DE MALES*, nº 9. Campinas, UNICAMP, 1989.
- TERRA, E. & NICOLA, J. de. *Curso prático de LÍNGUA, LITERATURA & REDAÇÃO 3*. São Paulo, Editora Scipione LTDA, 1994.